

Boletim

Nº 2.055 - Ano 45 - 22 de abril de 2019

A FAMÍLIA CRESCER

O taxonomista Rafael Felipe de Almeida, residente pós-doutoral no ICB, participou da descrição de duas das três espécies do gênero *Mcvaughia*, prevalentes no Nordeste do Brasil e pertencentes à família do murici e da acerola. A descoberta mais recente, resultado de incursões em herbários, é uma planta endêmica em florestas secas sazonais do Piauí.

Página 4

Consumo de
medicamentos
aumenta em Minas
Gerais, diz estudo

Página 5

Folha da espécie do gênero *Mcvaughia*, prevalente no Nordeste do Brasil

O gume afiado da **LINGUAGEM** e a **ESPERANÇA** ativa

Wellington Marçal de Carvalho*
Neide da Silva Dantas Mendes**

“Se nos deitamos, estamos mortos.”
(Joseph Ki-Zerbo, político e historiador de Burkina Faso)

Em sua teoria sobre a linguagem e a experiência humana, o linguista francês Émile Benveniste explicitou que o homem, em todas as suas atitudes, é um ser ideológico. A superficialidade exacerbada tem produzido efeitos interessantíssimos nesse corre-corre da vida cotidiana.

Não é curioso perceber que andamos para lá e para cá, mas carregamos a sensação de nada termos feito com o nosso tempo? A coisificação, em escala crescente, de todas as dimensões do existir, nesses tempos tidos como “pós-modernos”, marcadamente tecnologicizados, esvazia quase por completo qualquer possibilidade de reflexão vertical. Haveria alguma alternativa? Ou só resta, de fato, juntar-nos à massa manobrável?

Antes de decidirmos sobre qual caminho seguir, melhor sorte nos assistiria retomar a definição de “ideologia”, substantivo feminino tão presente nas conversas dos brasileiros, notadamente nos últimos meses. De acordo com o filósofo francês, nascido na Argélia, Louis Althusser, no clássico *Aparelhos ideológicos de Estado* (1970), a expressão foi forjada por Catanis, Destutt de Tracy e alguns amigos para designar por objeto a teoria (genérica) das ideias. A ideologia representaria a relação imaginária dos indivíduos com suas considerações reais de existência e, também, interpelaria esses sujeitos.

Não se deve confundir a ideologia com a mentira, conforme acentua Robert K. Merton, sociólogo estadunidense, em trecho de sua teoria da ideologia, que integra a obra *Sociologia: teoria e estrutura* (1949). Esse conjunto de ideias ou crenças partilhadas, postula o sociólogo britânico Anthony Giddens, em *Sociologia* (2001), serve para justificar os interesses dos grupos dominantes. Portanto, estão presentes em qualquer sociedade em que existam “desigualdades enraizadas sistemáticas entre os indivíduos”. O conceito liga-se, na proposição de Giddens, ao de poder, pois os sistemas ideológicos se prestariam a legitimar o poder diferenciado detido por grupos.

Assim sendo, poderíamos conjecturar que tudo é ideológico. Abrir os olhos ao acordar é um gesto plenamente ideológico. Fechar os olhos, os ouvidos e a boca também o é. Pensar e não querer pensar não se descola desse mecanismo de apreensão das configurações do mundo. Às vezes, é meramente questão de escolha. Talvez tudo na vida se resuma, ou se desdobre, em virtude de nossas escolhas.

Parece haver um fortalecimento de processos de tomada de decisão, em diferentes partes do mundo, que se aproximam justamente pelo fato de impulsionarem regimes de violência. Essas ideologias que enamoram a morte descortinam uma realidade distópica que, se levada a efeito, movimentaria nações na direção do acoplamento ao conceito filosófico do termo, que caracteriza uma sociedade imaginária controlada pelo Estado ou por outros meios extremos de opressão, criando condições de vida insuperáveis aos indivíduos.

Para vencer a perplexidade que esse enlace da morte tende a nos provocar, vale pedir auxílio, por exemplo, ao pensador pós-colonial camaronês Achille Mbembe, que define o perigo de nos tornarmos seres humanos destutelados, caso confundamos ideologia com mentira. Na delimitação de Mbembe, em seu *Políticas da inimizade* (2016), descerebrizar “consiste certamente em operar, se não uma amputação do cérebro, pelos menos a sua esterilização”.

Quando aceitarmos essa amputação, contribuiremos, sem nenhuma pecha, para manutenção da “lei da desigualdade”, que, para o camaronês, estabelece a categoria dos arbitrariamente não semelhantes, sem-lugar, os que não têm qualquer direito a ter direitos. Acreditamos, no caso do Brasil, que uma boa estratégia de construção de outros e mais justos rumos se dá por meio de investimentos em educação, sobretudo a educação pública e de qualidade, como, aliás, prevê a Constituição Federal de 1988.

Também não temos dúvida quanto à força da linguagem para a materialização dessa esperança ativa. Ainda nos termos de Mbembe, “precisamos mesmo de uma língua que constantemente fure, perfure e escave como uma broca, saiba ser projétil, uma espécie de direito absoluto, de vontade que, incessantemente, atormente a realidade. A sua função já não é apenas a de fazer soltar os caeados, mas também de salvar a vida do desastre que assoma.”

Não combater “ideologias perversas”, que primam pela instalação de relações assimétricas, impulsiona a perenidade de uma tessitura social hierarquizada em castas. Em nações ancoradas em regimes desse matiz, acentua-se a compartimentação de indivíduos de primeira e segunda classes, aqueles sujeitos que nunca serão alcançados pelos direitos, pois não estariam presentes em quaisquer processos de tomada de decisão, nem por meio de representantes.

Um estado fomentador dessa paranoia performatiza o apagamento da diversidade, sobretudo dos rotulados de desviantes. Talvez, num discurso com tamanho grau de ficcionalidade, encontrar-se-iam categorizados, por exemplo, homossexuais, feministas, negros, quilombolas, indígenas, sindicalistas, as “não pessoas”, tomando emprestada a noção abordada pela escritora canadense Margaret Atwood em *O conto da aia* (1985).

A perplexidade permeia, mas ela há de ser parte do caminhar, como registrou Eduardo Galeano ao citar Fernando Birri: “Caminho dez passos, e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”

* **Bibliotecário-documentalista. Professor do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Rondônia**

** **Jornalista. Servidora técnico-administrativa em educação lotada na Escola de Música da UFMG**

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou tréplicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

SEMANA de FESTA na educação básica

Coltec e CP comemoram 50 e 65 anos de fundação

Teresa Sanches

Qualificação do corpo docente, que conta com 80% de doutores, e laboratórios modernos são alguns dos atributos que conferem excelência ao Colégio Técnico da UFMG, que inicia as comemorações de seus 50 anos de fundação. A unidade foi criada em 1969, por meio de convênio entre a UFMG, o Conselho Britânico, o Ministério da Educação e o CNPq, para ser um centro de disseminação do ensino técnico em Minas Gerais. Parte dessa história será relembrada em cerimônia nesta quinta-feira, 25, às 19h, no auditório do CAD 3. Haverá lançamento de selo comemorativo e exibição de vídeo produzido pela TV UFMG.

“Nossa localização privilegiada no campus Pampulha contribui para aproximação dos alunos com a graduação e a pesquisa, ao mesmo tempo em que colaboramos com a Universidade na formação dos estagiários das licenciaturas”, afirma a diretora Kátia Pedroso Silveira. Coltec, Centro Pedagógico (CP) e Teatro Universitário (TU) integram a Escola de Educação Básica e Profissional (Ebp) da UFMG.

De acordo com o professor José Eduardo Borges Moreira, membro da comissão organizadora dos eventos, a comemoração tem o objetivo de promover o reencontro de pessoas que participaram da trajetória do Colégio e convidá-las para contribuir com o resgate histórico por meio da reunião de documentos, fotografias e depoimentos. “Acreditamos que servidores aposentados e ativos podem nos ajudar nesse trabalho, que é fundamental para preservarmos a memória da escola e para divulgarmos o ensino diferenciado que oferecemos”, pontua o professor.

O Coltec possui 36 metros lineares de documentos institucionais, volume que está sendo organizado pela servidora Marcia Bolina. “De acordo com tabela de temporalidade do Conselho Nacional de Arquivos (Conarq) e das Instituições Federais de Ensino, alguns documentos devem ser guardados por até 52 anos. Então precisamos estabelecer diretrizes, empregar e divulgar práticas adequadas de conservação”, afirma a servidora.

A programação segue com a exibição, ainda neste mês, de filmes e fotos na fachada digital do Espaço do Conhecimento UFMG. Outras atividades serão definidas posteriormente.

Centro Pedagógico

Outra unidade da Ebp, o Centro Pedagógico, também está em festa pelos 65 anos de fundação do antigo Ginásio de Aplicação da UFMG, embrião do CP. O diretor Roberson de Sousa Nunes destaca o papel da unidade como “escola-modelo e referência na formação de professores de educação básica”. Segundo ele, cerca de 300 estudantes de licenciatura da UFMG e de outras universidades realizam seus estágios e monitoria no CP, todos os anos, sob orientação dos 65 professores efetivos. “Esse trabalho qualificado, direcionado à formação de crianças e adolescentes, contribui para o fortalecimento da educação básica, o que, consequentemente, refletirá no ensino superior”, afirma.

“Celebrar os 65 anos significa retomar a história e unir, pelo afeto, pela arte e pelo entrosamento, os quatro pilares da escola: família, alunos, servidores e professores. É também uma forma de tornar nossa atuação no ensino, pesquisa e extensão conhecida pela própria comunidade acadêmica”, afirma a professora Silvia Amélia Nogueira de Souza, que integra a comissão das festividades. “A atuação do CP se destaca desde o processo de seleção dos alunos – que inicialmente se dava por meio de provas de conhecimentos e agora, por sorteio – até a concepção do ensino em ciclos e a formação de futuros professores”, complementa.

Neste sábado, 27 de abril, está programado um reencontro de gerações de alunos e servidores, que terá início com um café da manhã compartilhado, seguido de apresentação do grupo Serelepe, coordenado pelo ex-professor do CP Eugênio Tadeu, e de grupo musical formado por alunos da Unidade. Uma cápsula do tempo será fecha-



Acima, sala de aula do CP; abaixo, laboratório do Coltec

da que contenham informações, objetos e frases com expectativas sobre a próxima década da escola.

Cada um dos três ciclos de ensino prestou sua homenagem ao CP, com exposição de colcha de retalhos produzida pelas famílias, plantio de árvore e um varal de memórias, com produções textuais, documentos e fotografias.

De junho a agosto, a Biblioteca Central abrigará a exposição *CP 65 anos*, com objetos, mobiliário, documentos e fotos da escola. A ideia é estimular reflexão sobre o passado e o futuro da unidade. Em agosto, a segunda mostra de vídeos exibirá o resgate da memória escolar.

Encontros periódicos continuarão a ser promovidos com ex-alunos para partilha de suas experiências. A campanha no Facebook, *Minha melhor lembrança do CP*, segue até o dia 31 de maio e recebe vídeos com relatos de ex-alunos e servidores.

FLOR do NORDESTE

Taxonomista da UFMG descreve nova espécie de *Mcvaughia*, planta da família do murici e da acerola

Matheus Espíndola

De acordo com a literatura especializada, *Mcvaughia* é um gênero de plantas que abrange três espécies prevalentes na região Nordeste do Brasil. O gênero, que pode ser facilmente reconhecido por seu aspecto arbustivo, pétalas aninhadas umas dentro das outras e anteras (sacos que armazenam pólen) em forma de ferradura, foi descrito pela primeira vez na década de 1970, com o registro de uma espécie nativa do norte da Bahia.

Em 2015, o biólogo, botânico e taxonomista Rafael Felipe de Almeida, residente pós-doutoral do Programa de Pós-graduação em Biologia Vegetal da UFMG, havia participado da descoberta da segunda espécie de *Mcvaughia*, típica da vegetação de restinga e dunas costeiras do norte de Sergipe. Recentemente, ao longo de incursões em diversos herbários brasileiros, o pesquisador identificou mais uma espécie, endêmica em florestas secas sazonais do Piauí.

Sua investigação resultou no artigo *Taxonomic revision of Mcvaughia W. R. Anderson (Malpighiaceae): notes on vegetative and reproductive anatomy and the description of a new species*, publicado em fevereiro deste ano no periódico *Phytokeys*, um dos mais

relevantes mundialmente nas áreas de taxonomia, biogeografia e evolução de plantas.

O trabalho consistiu na revisão taxonômica do gênero *Mcvaughia*, incluindo descrições morfológicas completas, mapa de distribuição, ilustrações e notas sobre conservação, distribuição e etimologia das espécies. “Também apresentamos uma detalhada descrição anatômica da madeira, da casca, das folhas e das flores do gênero. Este é o primeiro de uma série de estudos conjuntos focados na biossistemática de *Malpighiaceae*, família da qual também fazem parte a acerola e o murici”, informa Rafael Almeida, sobre o trabalho desenvolvido pelo Grupo de Trabalho de Biossistemática Malpighiales, do qual é integrante.

A espécie identificada no Piauí é conhecida somente por três materiais herborizados – ramos com flores e frutos já secos e prensados depositados em uma coleção científica. “Trata-se de material testemunho de coletas de campo guardado para estudos futuros”, explica o pesquisador, lembrando que ainda não há registros fotográficos da espécie em campo.

Cirurgião de plantas

Segundo Rafael Almeida, a caracterização da biodiversidade pela via da biologia molecular requer alto investimento em tecnologia e materiais – algo incompatível com a realidade econômica brasileira. “Enquanto nos EUA e na Europa os cientistas, em sua maioria, identificam organismos extraíndo DNA, na América do Sul aprendemos morfologia para esse fim”, destaca.

O botânico explica que, para conservar as características anatômicas dos ramos coletados, é viável guardá-los em potes com álcool. As flores e frutos documentados em forma de prensa precisam ser reidratados antes da análise. “Por terem estrutura bidimensional, as folhas, mesmo ‘amassadas’, podem ser examinadas”, ressalva.

A descrição é fundamentada em procedimentos manuais de dissecação dos tecidos. “É como brincar de cirurgião de plantas”, compara Rafael Almeida. A análise macromorfológica (a olho nu)

requer cortes precisos com uso de pinças, estiletes e agulhas finas. As diferentes estruturas são separadas e analisadas com lupa, e os dados, catalogados em planilhas.

Entre as evidências macromorfológicas que podem ser aferidas, Rafael Almeida cita a diferenciação entre árvores, arbustos e ervas, variações na consistência, forma e presença de pelos nas folhas, cor das pétalas e existência de glândula secretora de néctar. Já as micromorfológicas, que demandam emprego de microscópio, dizem respeito, por exemplo, à anatomia do grão de pólen e do lenho (tecido que conduz água e sais das raízes às folhas).

Pesquisa de base

Rafael Almeida considera que, no Brasil, a Mata Atlântica é o único bioma sobre cuja biodiversidade existe número suficiente de estudos e publicações. “É onde estão localizadas as principais capitais do país”, justifica. No cerrado brasileiro, os esforços são voltados primordialmente para a expansão da agricultura. No caso da Amazônia, de acordo com o pesquisador, o difícil acesso é um obstáculo para a exploração científica. “A caatinga, habitat natural da *Mcvaughia*, é vista equivocadamente como uma terra infértil, seca, incapaz de prover beleza e frutos”, avalia.

Para o biólogo, pesquisas de base, a exemplo da taxonômica, são importantes para o conhecimento da biodiversidade do território e a eficaz exploração dos seus potenciais. “Já descrevi uma dezena de espécies novas e, em todos os casos, vislumbrei o que as pessoas, no futuro, poderão descobrir sobre elas. Seja para exploração econômica ou para a aplicação na medicina, é primordial saber o nome dos organismos que a natureza oferece”, reflete.

Artigo: *Taxonomic revision of Mcvaughia W. R. Anderson (Malpighiaceae): notes on vegetative and reproductive anatomy and the description of a new species*

Autores: Rafael Felipe de Almeida (UFMG), Isabel Guesdon e Renata Meira (Universidade Federal de Viçosa) e Marcelo Pace (Universidad Nacional Autónoma de México)

Disponível em: phytokeys.pensoft.net/article/32207/



Rafael Felipe de Almeida | UFMG

Detalhe da *Mcvaughia sergipana*, uma das três espécies do gênero identificadas no Nordeste

Cada vez MAIS CEDO

Estudo da Faculdade de Medicina revela crescimento da polifarmácia em Minas Gerais

Samuel Silveira*

O consumo de medicamentos tem crescido em Minas Gerais e alcançado pessoas mais jovens. É o que mostra pesquisa realizada pela Faculdade de Medicina com usuários da Atenção Primária do Sistema Único de Saúde (SUS). Segundo o estudo, desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-graduação em Saúde Pública, 82% das pessoas entrevistadas utilizaram ao menos um medicamento nos 30 dias anteriores ao levantamento. Desses, 14% consumiram cinco ou mais medicamentos, o que configura a polifarmácia.

Se essa prática ainda é mais comum entre pessoas idosas, devido à maior fragilidade fisiológica e clínica, já não é mais exclusiva dessa faixa etária. O estudo identificou que 16,6% dos adultos com idade acima dos 45 anos consomem cinco ou mais medicamentos. Apesar de as doenças crônicas – principais responsáveis pela polifarmácia – serem mais prevalentes entre os idosos, “observamos que elas estão, cada vez mais, ocorrendo mais cedo devido aos hábitos de vida da população”, comenta a autora da pesquisa, Thaís de Abreu Moreira.

Ela explica que a dissertação identificou seis doenças crônicas não transmissíveis associadas à polifarmácia. Acidente vascular cerebral (AVC) foi a que apresentou ligação mais forte, seguida de diabetes. “A maioria dos medicamentos utilizados estava relacionada aos sistemas cardiovascular (33,6%) e nervoso (18%)”, destaca.

Quem são?

Para chegar a esses resultados, a pesquisadora traçou o perfil de utilização de medicamentos pelos usuários da Atenção Primária em Saúde no estado, considerada a porta de entrada do SUS. Foram feitas entrevistas presenciais com 1.159 pessoas em 253 unidades de 104 municípios, o que gerou amostra representativa dos usuários adultos desses serviços.

Identificar o perfil dos usuários, segundo Thaís Moreira, contribui para detectar usos inapropriados, como baixa adesão ao regime terapêutico, automedicação irresponsável, prescrição de medicamentos em desacordo com diretrizes, entre outros.

“O país e o estado ainda não finalizaram a transição demográfica e epidemiológica. Por isso, consideramos que esses dados tendem a aumentar, e isso implica reflexos negativos para a saúde pública”, pondera. Como exemplos desses efeitos, a pesquisadora



A prática da polifarmácia tem crescido entre pessoas mais jovens



Thaís Moreira traçou o perfil dos usuários

cita o aumento de custos em saúde e resistência bacteriana.

Uso inadequado

Os entrevistados também foram indagados sobre a adesão aos medicamentos prescritos e a necessidade de ajuda para o uso, se eles eram genéricos e se o usuário utilizava o programa Farmácia Popular. Com essa análise, foi possível identificar os grupos mais vulneráveis em relação ao uso de medicamentos.

A dissertação mostra que os adultos jovens (18-44 anos) e os idosos (65 anos ou mais) com menor escolaridade, menor poder aquisitivo e pior condição social são mais suscetíveis ao uso inadequado. “Essas condições refletiram na compreensão, adesão e seguimento do regime terapêutico prescrito”, relata Thaís. No grupo dos adultos jovens, mais da metade afirmou fazer automedicação.

Outra descoberta foi o elevado consumo de psicofármacos, principalmente antidepressivos, tendência crescente na Atenção Primária. “Observamos, inclusive, alguns potencialmente inapropriados para idosos, como diazepam, clonazepam, amitriptilina e fluoxetina”, afirma a pesquisadora.

“Evitar a polifarmácia é difícil, mas é preciso buscar uma prática adequada, para prevenir possíveis consequências negativas, como interações medicamentosas não desejáveis, reações e efeitos adversos à saúde, inclusive hospitalização e internação”, alerta Thaís.

*Estagiário de Jornalismo da Faculdade de Medicina

Dissertação: *Uso de medicamentos na Atenção Primária do Sistema Único de Saúde em Minas Gerais*

Autora: Thaís de Abreu Moreira

Programa: Saúde Pública, área de concentração Epidemiologia

Orientador: Francisco de Assis Acurcio

Coorientadora: Juliana Alvares Teodoro

SUA UFMG

Reformulada, antiga Mostra das Profissões amplia escopo para expor as diferentes oportunidades que a Universidade oferece

As escolas e demais interessados em visitar a Mostra Sua UFMG – antiga Mostra das Profissões – já podem se inscrever pelo site <https://www.ufmg.br/mostra/>. O evento está agendado para o dia 25 de maio, das 9h às 17h, no campus Pampulha.

O objetivo da Mostra é apresentar aos visitantes, por meio de salas interativas e palestras, os 91 cursos de graduação que a Universidade oferece. A inscrição, gratuita, pode ser feita por escola ou individualmente.

Suspensa no ano passado, a versão presencial da Mostra foi submetida a um processo de reformulação sustentado em pesquisa com visitantes. “O evento agora tem esse nome porque pretende ir além da apresentação de cursos. Seu objetivo é expor as diferentes oportunidades que a UFMG oferece, como a iniciação científica, as atividades de extensão, a cultura, o lazer e o esporte”, afirma a pró-reitora de Graduação, Benigna de Oliveira.

Ela também destaca a assistência estudantil como importante cartão de visitas da UFMG. “Queremos mostrar aos jovens

que as oportunidades não se restringem ao acesso. A Universidade mantém programas que vão auxiliá-los em sua permanência”, destaca a pró-reitora.

Voluntários

Os estudantes e os servidores da UFMG que desejam trabalhar no evento também podem se inscrever no ambiente *Gestão de eventos* (<https://bit.ly/2CPCxyh>), até 30 de abril. O interessado deve entrar com login e senha do MinhaUFMG.

Os estudantes podem se inscrever na opção “Salas Interativas Mostra Sua UFMG 2019” ou na “Comissão Organizadora Mostra Sua UFMG 2019”. Os servidores, por sua vez, só podem se inscrever na opção Comissão Organizadora.

Os servidores que atuarem no evento receberão certificado de participação e



Estudantes do ensino médio reunidos no CAD1 para atividade da antiga Mostra das Profissões

Foca Lisboa | UFMG

poderão ter compensação dos dias trabalhados, desde que haja anuência da chefia imediata. Os estudantes também receberão certificado e poderão converter sua participação em crédito.

Mais informações podem ser solicitadas pelos telefones (31) 3409-3911, 3409-4562 e 3409-6472.

A MEDIDA do IMPACTO

Antropóloga e economista discutem, no Café Controverso, instrumentos para aferir resultados de projetos sociais

As cidades estão em constante transformação. Entre avenidas, ruas e vielas, há diversos estratos sociais, que, muitas vezes, habitam o mesmo meio urbano, mas não se cruzam. Um dos grandes desafios é colocar essas diferentes perspectivas em diálogo, tirando da marginalidade os que vivem em comunidades mais periféricas. Há quem aposte na arte como mecanismo de socialização e construção da cidadania, como a antropóloga Clarice Libânio, mestre em sociologia e doutora em Arquitetura e Urbanismo pela UFMG, que desenvolveu o Guia Cultural das Vilas e Favelas de Belo Horizonte. A publicação deu origem à ONG Favela é Isso Aí, que, há mais de uma década, apoia e divulga ações artísticas e culturais da periferia.

Clarice e o economista Rafael Tello são os convidados deste sábado, 27, do Café Controverso (edição especial Viver Bem), que tem como tema *Transformação social e cultura: como podemos avaliar e medir nossas ações*. O debate, promovido em parceria com o Instituto Unimed BH, começa às 10h, no Espaço do Conhecimento UFMG, e será focado na necessidade de se desenvolver indicadores para medir o impacto de projetos sociais na vida da cidade.

Libânio aposta na criatividade da juventude para reduzir a discriminação das comunidades. “A arte contribui para fazer

pontes, promover trocas entre grupos sociais distintos. Hoje, a juventude rejeita essa perspectiva de periférico e marginalizado. São pessoas já inseridas em outra visão, de luta pela cidade”, explica a antropóloga, para quem a arte ajuda na criação de um novo capital cultural. “Não é uma negação da desigualdade. Mas também não se trata da desigualdade de participação e acesso à mesma cidade”, diz.

Os resultados do trabalho da ONG são observados na prática por Libânio, que garante haver inúmeros exemplos de transformações na cidade provocadas pelas práticas culturais. No entanto, ela ressalta que não há indicadores para mensurar o poder das intervenções.

Segundo Rafael Tello, alguns mecanismos já estão sendo desenvolvidos e testados com essa finalidade. Economista especializado em Negócios Internacionais e em Gestão da Sustentabilidade, ele avalia o resultado de projetos sociais em sua empresa, a nhk Sustentabilidade. “A dificuldade que temos é que, em processo social, os impactos esperados dependem de um longo prazo para serem observados”, afirma.

O Espaço do Conhecimento UFMG fica na Praça da Liberdade, 700. A entrada é gratuita, e o público pode participar com perguntas.

Acontece

NORMAS DA GRADUAÇÃO

Procedimentos, oportunidades, direitos e regras que fazem parte da rotina acadêmica dos alunos da UFMG estão reunidos no manual Normas Gerais da Graduação (ufmg.br/vida-academica/regras-academicas). Esse material, produzido pela Pró-reitoria de Graduação e dividido em oito tópicos, busca esclarecer as principais dúvidas do discente em seu percurso curricular.

O guia contém resumo das normas – que vigoram desde o início deste ano e são responsáveis por regulamentar e fornecer as diretrizes dos cursos de graduação –, conjunto de respostas sobre as principais resoluções, as regulamentações que afetam os alunos que ingressaram no primeiro semestre de 2019 e informações sobre aspectos como matrícula, trancamento, desligamento automático e estrutura curricular.

MEDICINA TROPICAL

Conjunto de eventos sobre medicina tropical e parasitologia, conhecido como Medtrop-Parasito 2019, recebe, até 30 de abril, inscrições de trabalhos na modalidade e-pôster (painel eletrônico composto de telas inteligentes). As propostas deverão ser entregues on-line (<https://bit.ly/2TSSkAy>). Os eventos, que serão realizados de 27 a 31 de julho, no campus Pampulha, serão pautados pelo tema central *Convergência e inclusão: em busca de soluções sustentáveis para o diagnóstico, tratamento e controle das doenças tropicais*.

As propostas de trabalhos poderão ser enviadas em português, inglês ou espanhol, nos eixos temáticos política, educação e divulgação, fronteira da ciência, ambiente e epidemiologia, entomologia, controle de vetores, imunologia, clínica, doença de Chagas, leishmanioses e parasitologia básica.

O Medtrop-Parasito 2019 abrange o 55º Congresso da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, o 26º Congresso Brasileiro de Parasitologia, a 34ª Reunião de Pesquisa Aplicada em Doença de Chagas e a 22ª Reunião de Pesquisa Aplicada em Leishmanioses. Outras informações podem ser obtidas pelos telefones (31) 3286-4214 e 99309-6144.

CARRO ULTRAEFICIENTE

O carro elétrico da equipe Milhagem UFMG conquistou o vice-campeonato de protótipos de eficiência energética na categoria *bateria elétrica* da Shell Eco-Marathon Americas. Na competição realizada no início de abril, na Califórnia (EUA), o veículo dos estudantes mineiros alcançou a marca de 227km/kWh. A Shell Eco-Marathon Americas, disputada por carros ultraeficientes desenvolvidos por estudantes de vários países da América do Norte, da América Central e da América do Sul, tem o objetivo de estimular a pesquisa energética e buscar soluções sustentáveis. A Milhagem UFMG superou competidores dos Estados Unidos, do Canadá, da Argentina e do México. Foi a segunda participação da equipe na competição e seu melhor resultado.



Equipe e veículo: melhor resultado na competição

Arquivo Milhagem UFMG

ITALIANO NA REDE PÚBLICA

O consulado da Itália em Belo Horizonte propôs à UFMG parceria em projeto de ensino da língua italiana em escolas públicas de Belo Horizonte. Será a primeira iniciativa do gênero da diplomacia do país europeu envolvendo uma instituição pública de ensino.

A ideia é que as aulas sejam ministradas por estudantes de italiano da Faculdade de Letras (Fale) em unidades de ensino fundamental, administradas pela Prefeitura, e de ensino médio, integrantes da rede estadual. A proposta foi levada à reitora Sandra Regina Goulart Almeida pelo cônsul Dario Savarese, em encontro na última semana.

COOPERAÇÃO NA CULTURA

A UFMG e a Secretaria de Cultura de Belo Horizonte estão formalizando amplo acordo de cooperação que contemplará projetos de ensino, pesquisa e extensão. A parceria foi assunto de reunião, na semana passada, entre a reitora Sandra Regina Goulart Almeida e o secretário Juca Ferreira.

A UFMG terá assento no comitê gestor do Núcleo de Produção Digital de Belo Horizonte, que será implantado no Centro de Referência da Juventude, e a utilização, pela Prefeitura, dos espaços da Universidade na região central da cidade será intensificada.

Outra frente da parceria será a integração de parte da programação do Festival de Inverno da UFMG com a da Virada Cultural, em julho. A Universidade também terá participação destacada no encontro internacional sobre cultura e democracia que a Prefeitura realizará em agosto.

DO CANTO AO ‘BULLYING’

Investigações e práticas cotidianas em sala de aula são abordadas na nova edição da Revista Brasileira de Educação Básica (RBEB), editada pelo projeto Pensar a Educação Pensar o Brasil, da Faculdade de Educação. As experiências estão relatadas em artigos escritos por professores da educação básica e estudantes de licenciaturas e de mestrados profissionais e acadêmicos em educação.

Os trabalhos tratam de temas como a importância dos corais como experiência pedagógica, o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, estratégias para aplicar a educação como direito humano e os efeitos positivos da curiosidade infantil e da observação no processo de assimilação de conceitos químicos. A edição contém ainda relatos como o de uma intervenção do serviço de psicologia em escola de Roraima após um caso identificado como prática de *bullying*. O número está disponível para leitura em <http://rbeducacaobasica.com.br/>.

Direito de **TODO DIA**

Livro da professora Mônica Sette Lopes contém histórias e reflexões sobre a importância de divulgar temas jurídicos com mais clareza

Itamar Rigueira Jr.

Ao longo de sua trajetória, Mônica Sette Lopes, professora da Faculdade de Direito da UFMG e desembargadora do trabalho recém-aposentada, tem dedicado parte de suas intervenções, em sala de aula e em diversos outros espaços, à defesa da comunicação mais ampla e mais clara do direito. O objetivo é facilitar o acesso a um mundo ainda marcado por uma escrita abstrata e rebuscada, tornando termos técnicos mais conhecidos de todos.

“É preciso dar a conhecer a experiência corriqueira de ser juiz, aquela vinculada à oralidade das salas de audiência”, afirma Mônica Sette Lopes, que tem dado tratos práticos às suas convicções – ela produz e apresenta, há mais de dez anos, o programa *Direito é música*, na Rádio UFMG Educativa e em outras emissoras públicas. Ali, ela associa as mensagens de canções a questões da filosofia e do cotidiano do direito.

Em mais um ato de sua faceta de comunicadora, Sette Lopes acaba de publicar o livro *A crônica da Justiça* (Editora Initia Via), que reúne textos publicados a partir de 2008 no portal web do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região. À época das publicações na internet, ela desenvolvia projeto como residente do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT), da UFMG.

Como diz a autora no texto que abre o volume, as crônicas representam “a tentativa de revelar espantos e não saberes. De vestir o direito com a imaginação. De estimular aqueles que trabalham na produção das decisões judiciais a se expandirem na expressão das circunstâncias que experimentam”.

Histórias e poesia

Em 30 textos, quase sempre ilustrados com referências artísticas e histórias vividas por ela ou emprestadas de outros, Mônica Sette Lopes aborda, em tom muitas vezes poético, questões como os juízes e a memória, direito e jornalismo, antecipação de riscos, direito do trabalho, assédio moral, pesquisa sobre o dia a dia dos tribunais, relações em sala de aula e necessidades da investigação acadêmica.

Em crônica sobre a linguagem hermética do direito, ela critica a obsessão pelo uso de termos que afastam o leitor leigo e criam ruído. “Não há por que tratar a Constituição por Carta Magna, chamar mandado de segurança de *writ of mandamus* e o Código de Processo Civil de álbum de ritos pátrio. Uma das justificativas é não repetir as palavras, mas isso não torna o texto mais leve, muito pelo contrário. E ainda leva a imprecisões”, diz a autora.

Em outro texto do volume, Mônica recorda a angústia de um ex-aluno que, depois de estudar tanto para um concurso e tornar-se juiz, depara com a realidade da sala de audiências, com ações e reações das partes, dos advogados e dele próprio. “A sala de audiências é a porta através da qual o direito encontra a rua”, escreve. E a título de dica para o colega novato, ela revela que procurava “adotar, com algum sucesso, a postura da fala franca e, sempre que possível, mansa. E exercitar uma paciência pedagógica: aquela que é usada nas salas de aula para ensinar a pensar e a ter dúvidas”.

A respeito do esforço para medir resultados e diagnosticar necessidades do trabalho no Poder Judiciário, Mônica Sette Lopes critica o viés quantitativo ainda quase exclusivo



Foca Lisboa | UFMG

Mônica: fala franca e paciência pedagógica

nos estudos e diz que é essencial pesquisa qualitativa de aprofundamento. “Como o juiz que vira número pode sair do escuro do papel e traduzir sua experiência de estar todos os dias, meses, anos à disposição para decidir a vida dos outros? Como o juiz que vira número pode dar a conhecer o processo de mudar uma cultura enquanto contribui para sua mudança?”, ela indaga, no livro.

A professora e atual vice-diretora da Faculdade de Direito defende que as atividades de sala de aula, pesquisa e extensão devem valorizar a combinação da teoria do direito com a realidade prática. “No dia a dia, tudo acontece. Não se trata apenas de interpretar a lei, mas de aplicá-la e executar sentenças com base em contingências as mais diversas”, reflete Mônica Sette Lopes.

Livro: *A crônica da Justiça*

Autora: Mônica Sette Lopes

Editora: Initia Via (<https://www.initiavia.com/a-cronica-da-justica>)

258 páginas / R\$ 24,50